

Seminário da quarta-feira de 30 de abril de 1958

Uma vez que, as coisas do homem, das quais em princípio nos ocupamos, são marcadas por sua relação com o significante, não podemos servir-nos do significante para falar dessas coisas assim como para falar das coisas que o significante o ajuda a instaurar. Em outras palavras, deve haver uma diferença entre a maneira como falamos das coisas do homem e aquela como falamos das outras coisas.

Bem sabemos, hoje em dia, que as coisas não são insensíveis à aproximação do significante, que elas se relacionam com a ordem do *Logos* e que essa relação deve ser estudada. Estamos, mais do que nossos predecessores, em condições de perceber que a linguagem penetra nas coisas, deixa-lhes sulcos, levanta-as, subverte-as um pouco. Mas, afinal, no ponto em que estamos agora, sabemos, ou pelo menos supomos que, salvo erro, as coisas, por sua vez, não se desenvolveram na linguagem. Ao menos foi daí que se partiu para o trabalho da ciência, tal como atualmente constituída por nós, da ciência *de physis*.

Pensar primeiramente em apurar a linguagem, isto é, em reduzi-la ao mínimo necessário para que seu domínio sobre as coisas possa fazer-se, é o princípio daquilo que chamamos analítica transcendental. Em suma, providenciou-se para desvincular a linguagem ao máximo possível - não totalmente, é claro - das coisas em que ela estava profundamente engajada até uma certa época, mais ou menos correspondente ao início da ciência moderna, para reduzi-la a sua função de interrogação.

Agora, tudo se complica. Acaso não constatamos convulsões singulares nas coisas, que certamente não deixam de estar relacionadas com a maneira como as interrogamos? - e, por outro lado, curiosos impasses na linguagem, a qual, no momento em que falamos das coisas, torna-se-nos estritamente incompreensível? Mas isso não nos diz respeito. De nossa parte, lidamos com o homem. E quanto a isso, quero assinalar-lhes que a linguagem com que interrogá-lo não foi até hoje isolada.

Nós a acreditamos isolada, quando sustentamos a respeito das coisas do homem o discurso da Academia ou da psicologia psiquiátrica - até nova ordem, é o mesmo. Podemos aperceber-nos suficiente- mente, nós mesmos, da pobreza das construções a que nos entregamos e, aliás, de sua imutabilidade, pois, na verdade, depois de um século falando da alucinação em psiquiatria, praticamente não demos um só passo e continuamos incapazes de defini-la de outra maneira que não de um modo derrisório.

Toda a linguagem da psicologia psiquiátrica apresenta, aliás, a mesma deficiência, faz-nos sentir sua profunda estagnação. Dizemos que essa ou aquela função é reificada e sentimos a arbitrariedade dessas reificações, ao falarmos numa linguagem bleuleriana, por exemplo, da discordância na esquizofrenia. E, quando dizemos *reificar*, temos a impressão de estar formulando uma crítica válida. Que quer dizer isso? Não se trata, de modo algum, de censurarmos essa psicologia por fazer do homem uma coisa. Quisera Deus que ela fizesse dele uma coisa, pois esse é justamente o objetivo de uma ciência do homem. Mas, justamente, ela faz dele uma coisa que não é nada além de uma linguagem prematuramente cristalizada, que coloca apressadamente sua própria forma de linguagem no lugar de alguma coisa que já está tecida na linguagem.

O que chamamos *de formações do inconsciente*, o que Freud nos apresentou com esse nome, é unicamente a apreensão de um certo primarismo na linguagem. Foi por isso mesmo que ele o chamou de *processo primário*. A linguagem marca esse primarismo, e é por isso que

podemos dizer que a descoberta de Freud, a do inconsciente, foi preparada pela interrogação desse primarismo, na medida em que se detectou inicialmente sua estrutura de linguagem.

Eu disse *preparada*. Ela poderia, com efeito, permitir preparar a interrogação desse primarismo, introduzir a uma interrogação correta das tendências primárias. Mas, não chegaremos a isso enquanto não fizermos um balanço daquilo que se trata primeiramente de reconhecer, ou seja, que esse primarismo é tecido, antes de mais nada, como uma linguagem. Eis por que os levo a ele. Aqueles que fazem reluzir diante de vocês a síntese da psicanálise com a biologia demonstram-lhes que, manifestamente, isso é um engodo, não apenas por não haver absolutamente nada esboçado nesse sentido até o momento, mas também porque, até nova ordem, prometer isso já é uma vigarice.

Estamos, pois, tentando manifestar, projetar, situar diante de vocês o que chamo de textura da linguagem. Isso não quer dizer que excluamos o primário enquanto algo diferente da linguagem. É justamente em busca dele que avançamos.

Nas lições precedentes, estivemos tocando no que lhes designei por dialética do desejo e da demanda.

Eu lhes disse que, na demanda, a identificação é feita com o objeto do sentimento. Por que, afinal, isso acontece? Justamente porque nada de intersubjetivo pode estabelecer-se enquanto o Outro, com maiúscula, não fala. Ou então, porque é da natureza da fala ser a fala do Outro. Ou ainda, porque é preciso que tudo o que acontece com a manifestação do desejo primário se instale no que Freud, seguindo Fechner, chamou de outra cena, porque isso é necessário à satisfação do homem, na medida em que, sendo um ser falante, suas satisfações devem passar pela intermediação da fala.

Por esse simples fato introduz-se uma ambigüidade inicial. O desejo está obrigado à intermediação da fala, e é patente que essa fala só tem seu estatuto, só se instala, só se desenvolve por sua natureza no Outro como lugar da fala. Ora, é claro que não há razão alguma para que o sujeito se aperceba disso. Quero dizer que a distinção entre o Outro e ele mesmo é a mais difícil das distinções a serem feitas de saída. Por isso, Freud frisou bem o valor sintomático do momento da infância em que a criança acredita que os pais conhecem todos os seus pensamentos, e explicou muito bem a ligação desse fenômeno com a fala. Sendo os pensamentos do sujeito formados na fala do Outro, é perfeitamente natural que, na origem, seus pensamentos pertençam a essa fala.

No plano imaginário, por outro lado, entre o sujeito e o outro, só existe, a princípio, uma fronteira frágil, uma fronteira ambígua, no sentido de que é transponível. A relação narcísica está aberta, com efeito, a um transitivismo permanente, como também mostra aqui a experiência da criança.

Esses dois modos de ambigüidade, esses dois limites, um que se situa no plano imaginário, outro que pertence à ordem simbólica pela qual o desejo se fundamenta na fala do Outro, esses dois modos de transposição, que fazem com que o sujeito se aliene, não se confundem. É a discordância entre eles, ao contrário, que abre para o sujeito, como mostra a experiência, uma primeira possibilidade de ele se distinguir como tal. Naturalmente, ele se distingue de maneira mais especial no plano imaginário, estabelecendo-se com seu semelhante numa posição de rivalidade em relação a um objeto terceiro. Mas persiste a questão do que acontece quando esses sujeitos são dois, isto é, quando se trata de o sujeito se sustentar na presença do Outro.

Essa dialética confina com a chamada dialética do reconhecimento, que vocês entrevêm um pouquinho qual é, ao menos alguns de vocês, graças ao que lhes comunicamos aqui. Vocês sabem que um certo Hegel procurou a mola disso no conflito do gozo e no caminho da luta a que chamou luta de morte, de onde fez surgir toda a sua dialética do senhor e do escravo. Tudo isso é muito importante conhecer, mas está bem claro que não abrange o campo de nossa experiência, por ótimas razões. É que há outra coisa além da dialética da luta entre o senhor e o escravo, há a relação da criança com os pais, há, precisamente, o que acontece no nível do reconhecimento, quando o que está em jogo não é a luta, o conflito, mas a demanda.

Trata-se, em suma, de ver quando e como o desejo do sujeito, alienado na demanda, profundamente transformado pelo fato de ter de passar pela demanda, pode e deve reintroduzir-se. São simples essas coisas que eu lhes digo hoje.

Primitivamente, a criança, em sua impotência, constata depender inteiramente da demanda, isto é, da fala do Outro, que modifica, reestrutura, aliena profundamente a natureza de seu desejo. Essa dialética da demanda corresponde mais ou menos ao período que, com ou sem razão, é chamado de pré-edípiano e, certamente com razão, de pré-genital. Em razão da ambigüidade dos limites do sujeito com o Outro, vemos introduzirem-se na demanda o objeto oral, que, na medida em que é demandado no plano oral, é incorporado, e o objeto anal, suporte da dialética do dom primitivo, essencialmente ligado, no sujeito, ao fato de ele atender ou não à demanda educativa, isto é, de aceitar ou não desprender-se de um certo objeto simbólico. Em suma, o profundo remanejamento dos primeiros desejos pela demanda nos é perpetuamente sensível na dialética do objeto oral e, particularmente, na do objeto anal, daí resultando que o Outro com que o sujeito lida na relação da demanda está, por sua vez, submetido a uma dialética de assimilação, ou de incorporação, ou de rejeição. Deve então introduzir-se uma coisa diferente, pela qual a originalidade, a irredutibilidade, a autenticidade do desejo do sujeito é restabelecida. Não é outra coisa que significa o progresso realizado durante a pretensa etapa genital. Ele consiste em que, instalado na dialética primária, pré-genital, da demanda, o sujeito depara, num dado momento, com um outro desejo, um desejo que até então não foi integrado, e que não é integrável sem remanejamentos ainda muito mais críticos e mais profundos que no caso dos primeiros desejos. Esse outro desejo, o caminho comum pelo qual ele se introduz para o sujeito, é como desejo do Outro. O sujeito reconhece um desejo para além da demanda, um desejo como não adulterado pela demanda, e o encontra, situa-o no para-além do primeiro Outro a quem dirigia sua demanda - digamos, para fixar as idéias, a mãe.

O que estou dizendo com isso é apenas uma maneira de exprimir o que foi ensinado desde sempre, que é através do Édipo que o desejo genital é assumido e vem tomar lugar na economia subjetiva. Mas aquilo para o qual espero chamar-lhes a atenção é a função desse desejo do Outro, no que ele permite que a verdadeira distinção entre o sujeito e o Outro se estabeleça de uma vez por todas.

No nível da demanda, há entre o sujeito e o Outro uma situação de reciprocidade. Apesar de o desejo do sujeito depender inteiramente de sua demanda ao Outro, o que o Outro demanda também depende do sujeito. Isso se exprime, nas relações da criança com a mãe, pelo fato de que a criança sabe muito bem que ela também detém algo que pode recusar à demanda da mãe, recusando-se, por exemplo, a aceder aos requisitos da disciplina excrementícia. Essa relação entre os dois sujeitos em torno da demanda demanda ser complementada pela introdução de uma nova dimensão, que faça corri que o sujeito seja

outra coisa que não um sujeito dependente, e cuja relação de dependência constitua o ser essencial. O que tem de ser introduzido, e que está ali desde o começo, latente desde a origem, é que, para-além daquilo que o sujeito demanda, além daquilo que o Outro demanda do sujeito, deve haver a presença e a dimensão do que o Outro deseja.

Isso, a princípio, é profundamente velado ao sujeito, mas, ainda assim, é imanente à situação, e é o que irá desenvolver-se aos poucos na experiência do Édipo. Isso é essencial na estrutura, mais original e mais fundamental do que a percepção tanto das relações do pai com a mãe, sobre as quais me estendi no que chamei de metáfora paterna, quanto de seja que ponto for daquilo que leva ao complexo de castração, e constitui um desenvolvimento do além da demanda.

Que o desejo do sujeito é inicialmente situado e encontrado na existência como tal do desejo do Outro, como desejo distinto da demanda, eis o que quero hoje ilustrar-lhes através de um exemplo. Que exemplo? É exigível que ele seja o primeiro.

Com efeito, se o que afirmo é realmente introdutório a tudo o que acontece com a estruturação do inconsciente do sujeito por sua relação com o significante, devemos encontrar prontamente nosso exemplo.

Já aludi aqui ao que podemos apontar nas primeiras observações feitas por Freud sobre a histeria. Passemos, pois, ao momento em que Freud nos fala do desejo pela primeira vez.

Ele fala do desejo a propósito dos sonhos. Comentei com vocês, no passado, o que Freud extrai do sonho inaugural de Irma, o sonho da injeção, e não voltarei a isso. O segundo sonho é um sonho de Freud - posto que ele também analisa alguns de seus sonhos na *Traumdeutung* -, o sonho do tio Josef. Vou analisá-lo em outro dia, pois ele é absolutamente demonstrativo e ilustra muito bem, em particular, o esquema das duas alças entrecruzadas - nada mostra melhor os dois patamares em que se desenvolve um sonho, o patamar propriamente significativo, que é o da fala, e o patamar imaginário no qual se encama, de certo modo, o objeto metonímico.

Tomo, pois, o terceiro sonho que Freud analisou. Ele figura no quarto capítulo, *Die Traumstellung* "A transposição do sonho". E o sonho daquela a quem chamaremos a *bela açougueira*.

Eis o sonho - *diz Freud* [Nessa citação de Freud e noutras que virão a seguir, a tradução para o português foi feita diretamente do texto francês transcrito (e/ou traduzido) por Lacan, sem levar em conta a versão brasileira da *ESB*. (N.E.)] Eu queria oferecer um jantar, mas o único mantimento que tinha em casa era um pouco de salmão defumado. Quis sair para fazer compras, mas lembrei-me de que era domingo à tarde e todas as lojas estavam fechadas. Quis telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava pifado. Assim, tive que renunciar ao desejo de oferecer um jantar.

É esse o texto do sonho. Freud anota escrupulosamente a maneira como é verbalizado o texto dos sonhos, e é sempre e unicamente a partir dessa verbalização, de uma espécie de texto escrito do sonho, que lhe parece concebível a análise de um sonho.

Respondi, naturalmente, que só a análise poderia decidir sobre o sentido desse sonho. *De fato, a paciente o confrontara com esse sonho, dizendo-lhe* - O senhor sempre diz que o sonho é uma coisa em que um desejo se realiza, pois nesse tive enormes dificuldades de realizar meu desejo. *Freud prossegue* - Admiti, todavia, que à primeira vista ele se afigurava sensato e

coerente, e parecia ser exatamente o oposto da realização de um desejo. "Mas, quais foram os elementos desse sonho? A senhora sabe que os motivos de um sonho sempre se encontram nos acontecimentos dos dias precedentes."

O marido de minha paciente é açougueiro atacadista; é um homem honesto, muito ativo. Dias antes, dissera a ela que estava engordando muito e queria fazer um regime de emagrecimento. Levantaria cedo, fazia exercícios, ater-se-ia a uma dieta rigorosa e não mais aceitaria convites para jantar. Ela contou ainda, rindo, que, à mesa dos freqüentadores habituais do restaurante onde costumava almoçar, seu marido havia travado conhecimento com um pintor que queria a todo custo fazer seu retrato, pois nunca havia encontrado um rosto tão expressivo. Mas o marido respondera, com sua rudeza de praxe, que ficava muito agradecido, mas estava convencido de que o pintor preferiria a todo o seu rosto um pedaço do traseiro de uma moça bonita. Minha paciente está atualmente muito apaixonada pelo marido e implica com ele sem parar. Pediu-lhe também que ele não lhe desse nenhum caviar. - *Que quer dizer isso?*

Na realidade, há muito tempo ela deseja comer sanduíche de caviar todas as manhãs, mas se proíbe essa despesa - *ou melhor, não se autoriza isso*. Naturalmente, receberia de imediato esse caviar, se falasse com o marido. Mas lhe pediu, ao contrário, que não lhe desse caviar, de modo a poder continuar a implicar com ele por causa disso.

Aqui entra um parêntese de Freud. Isso me pareceu uma história meio sem pé nem cabeça. Em geral, essas informações insuficientes escondem motivos que não são expressos. Pensemos na maneira como os hipnotizados de Bernheim, ao executarem uma tarefa pós-hipnótica, explicam-na, ao lhes ser indagada a razão dela, com um motivo visivelmente insuficiente, em vez de responder: "Não sei por que fiz isso." O caviar de minha paciente seria um motivo desse tipo. Observei que ela fora obrigada a criar em sua vida um desejo insatisfeito. Seu sonho lhe mostrava esse desejo como realmente não consumado. Mas, por que precisaria ela de tal desejo?

Outro comentário de Freud, entre parênteses. O que lhe viera à cabeça até então não pudera servir para interpretar o sonho. Insisti. Passado um momento, como convém quando se tem de superar uma resistência, ela me disse haver visitado ontem uma de suas amigas, de quem sente muito ciúme porque seu marido sempre fala muito bem dela. Felizmente, a amiga é miúda e magra, e seu marido gosta de formas rechonchudas. E de que havia falado essa pessoa magra? Naturalmente, de seu desejo de engordar. E lhe perguntara: "Quando é que vocês vão nos convidar de novo? Sempre se come muito bem em sua casa."

Agora o sentido do sonho estava claro. Pude dizer à minha paciente: "É exatamente como se a senhora lhe houvesse respondido, mentalmente: - 'Pois sim! Eu vou mesmo convidá-la, para que você coma bem, engorde e agrade ainda mais ao meu marido! Prefiro nunca mais oferecer um jantar na minha vida!'" O sonho lhe disse que a senhora não poderia oferecer um jantar e, assim, realizou seu desejo de não contribuir para embelezar sua amiga. A resolução de seu marido de não aceitar mais convites para jantar, para não engordar, na verdade lhe indicara que os jantares em sociedade engordam." Faltava apenas uma concordância que confirmasse a solução. Ainda não sabíamos a que correspondia o salmão no sonho. "- Como foi que lhe ocorreu evocar no sonho o salmão defumado?". "- Esse", respondeu ela, "é o prato predileto de minha amiga." Por acaso, eu também conheço essa senhora e sei que ela tem em relação ao salmão defumado a mesma conduta de minha paciente a respeito do caviar.

30 de abril de 1958

É nesse ponto que Freud introduz o texto do sonho que comporta uma outra interpretação, a qual entra na dialética da identificação. *Ela se havia identificado com a amiga. Foi como um sinal dessa identificação, isto é, na medida em que se identificou com a outra, que ela se atribuiu na vida real um desejo não realizado*

Creio que vocês já devem estar sentindo desenhar-se, nesse texto simples, seus contornos. Eu poderia ter aberto a *Traumdeutung* em qualquer outra página, e encontraríamos a mesma dialética. Esse sonho, que foi o primeiro a nos cair nas mãos, irá mostrar-nos a dialética do desejo e da demanda, que, é particularmente simples na histérica.

Continuemos a ler, de maneira a acompanhar até o fim o que nos articula esse texto importantíssimo. Essa é, em suma, uma das primeiras articulações muito claras, por parte de Freud, do que significa a identificação histérica. Ele esclarece seu sentido. Pulo algumas linhas para que não fique longo demais. Ele discute o que chamamos imitação histérica, a simpatia da histérica pelo outro, e critica com muita energia a redução simplista do contágio histérico à pura e simples imitação.

O processo da identificação histérica, diz Freud, é

um pouco mais complicado do que a imitação histérica, tal como tem sido representada; como ficará provado através de um exemplo, ele corresponde a deduções inconscientes. Quando um médico coloca junto de outros pacientes, numa enfermaria hospitalar, um sujeito que apresenta uma espécie de tremor, ele não fica surpreso ao saber que esse acidente histérico foi imitado (...). Mas esse contágio produz-se mais ou menos da seguinte maneira. Em geral, as pacientes sabem –

convém observar o peso que tal observação comporta, não digo simplesmente na época em que foi feita, mas até hoje, para nós

- mais coisas a respeito umas das outras do que o médico pode saber sobre qualquer delas, e continuam a se preocupar umas com as outras depois da visita do médico

Observação essencial. Em outras palavras, o objeto humano continua a viver sua relaçãozinha particular com o significante, mesmo depois que o observador, behaviorista ou não, se interessou por sua fotografia.

Uma delas teve sua crise hoje, e as outras sabem muito bem que uma carta de casa, uma lembrança de uma mágoa de amor ou outras coisas semelhantes foram a causa disso. Sua compaixão é despertada e, inconscientemente, elas fazem o seguinte exame: se esses motivos acarretam esses tipos de crises, também posso ter uma crise dessas - articulação do sintoma elementar com uma identificação discursiva, com uma situação articulada no discurso porque tenho os mesmos motivos. Se essas fossem condutas conscientes, elas levariam à angústia de ver sobrevir a mesma crise. Mas as coisas se passam em outro plano psíquico, e levam à realização do sintoma temido. A identificação, portanto, não é uma simples imitação, mas uma apropriação decorrente de uma etiologia idêntica: ela expressa um "como se", relacionado com um traço comum que persiste no inconsciente. O termo apropriação não foi muito bem traduzido. Trata-se, antes, de um tomado como própria

A histérica se identifica, de preferência, com pessoas com quem manteve relações sexuais, ou que tenham as mesmas relações sexuais com as mesmas pessoas que ela. A língua, aliás, é responsável por essa concepção. Dois amantes são um só, diz Freud.

O problema aqui levantado por Freud é a relação de identificação com a amiga invejosa. A propósito disso, quero chamar-lhes a atenção para o seguinte: o desejo com que deparamos

desde os primeiros passos da análise, e a partir do qual se desenrola a solução do enigma, é o desejo como insatisfeito. No momento desse sonho, a paciente estava preocupada em criar para si um desejo insatisfeito. Qual é a função desse desejo insatisfeito?

Lemos no sonho, com efeito, a satisfação de um anseio, o de ter um desejo insatisfeito. E o que descobrimos a esse respeito é a subjacência de uma situação que é a situação fundamental do homem entre a demanda e o desejo, à qual estou tentando introduzi-los, e à qual efetivamente os introduzo através da histérica, porque a histérica fica presa na clivagem cuja necessidade lhes mostrei há pouco, entre a demanda e o desejo. Aqui, nada é mais claro do que isso.

Que pede ela antes do sonho, em sua vida? Essa paciente, apaixonadíssima pelo marido, demanda o quê? Amor; e as histéricas, como todo o mundo, demandam amor, só que, nelas, isso é mais incômodo. Que deseja ela? Ela deseja caviar. Basta simplesmente ler. E que quer ela? Quer que não lhe dêem caviar.

A questão, justamente, é saber por que, para que uma histérica mantenha um relacionamento amoroso que a satisfaça, é necessário, primeiramente, que ela deseje *outra coisa*, e o caviar não tem aqui outro papel senão o de ser outra coisa, e, em segundo lugar, que, para que essa *outra coisa* desempenhe bem a função que tem a missão de desempenhar, ela justamente não lhe seja dada. Seu marido não lhe pediria mais do que dar-lhe caviar, mas nesse caso, provavelmente, ele ficaria mais tranqüilo, imagina ela. Porém o que nos diz Freud, formalmente, é que ela quer que o marido não lhe dê caviar, para que eles possam continuar a se amar loucamente, isto é, a implicar um com o outro, a se atazanar a perder de vista.

Esses elementos estruturais, deixando de lado o fato de nos determos neles, nada têm de muito original, mas começam aqui a ganhar sentido. O que se exprime é uma estrutura que, além de seu aspecto cômico, deve representar uma necessidade. A histérica é, precisamente, o sujeito para quem é difícil estabelecer com a constituição do Outro como grande Outro, portador do signo falado, uma relação que lhe permita preservar seu lugar de sujeito. Essa é a própria definição que podemos dar da histérica. Numa palavra, o histérico ou a histérica estão tão abertos à sugestão da fala que deve haver alguma coisa nisso.

Freud se interroga, em *Psicologia das massas e análise do eu*, sobre a maneira como se manifesta a hipnose, embora sua relação com o sono esteja longe de ser transparente e embora a eletividade que a torna adequada a algumas pessoas, enquanto outras opõem-se a ela, afastam-se dela radicalmente, permaneça enigmática. Mas tudo parece mostrar, no entanto, que o que se realiza na hipnose é possibilitado no sujeito pela pureza de certas situações, ou, melhor dizendo, atitudes libidinais. De que se trata senão dos lugares, dos postos que estamos esclarecendo? O elemento desconhecido de que fala Freud gira em torno da articulação da demanda e do desejo. É o que tentaremos mostrar mais adiante.

Se é necessário ao sujeito criar para si um desejo insatisfeito, é por ser essa a condição para que se constitua para ele um Outro real, isto é, que não seja inteiramente iminente à satisfação recíproca da demanda, à captura inteira do desejo do sujeito pela fala do Outro. Que o desejo de que se trata é, por natureza, o desejo do Outro, é nisso, muito precisamente, que a dialética do sonho nos introduz, uma vez que o desejo de caviar, a paciente não quer que ele seja satisfeito na realidade. E o sonho tende, incontestavelmente, a satisfazê-la quanto à solução do problema que ela busca.

30 de abril de 1958

Esse desejo de caviar, através do que é ele representado no sonho? Por intermédio da pessoa que está em jogo no sonho, a amiga com quem - Freud aponta os sinais disso - ela se identifica. A amiga também é histérica, ou não é, não vem ao caso, tudo é puro histero-histórico. A paciente é histérica e, com certeza, a outra também o é, ainda mais que o sujeito histérico se constitui quase que integralmente a partir do desejo do Outro. O desejo que o sujeito registra no sonho é o desejo favorito da amiga, o desejo de salmão, e, mesmo no momento em que ela não pode oferecer um jantar, só lhe resta isso, salmão defumado, que indica ao mesmo tempo o desejo do Outro e o indica como podendo ser satisfeito, mas somente para o Outro. *Por outro lado, não tenha medo, tems salmão defumado.* O sonho não diz com isso que as coisas chegam a ponto de ela o dar à amiga, mas a intenção está presente.

Inversamente, o que é posto de lado é a demanda da amiga, elemento genético do sonho. Ela lhe pediu para ir jantar em sua casa, onde se come muito bem e onde, ademais, pode-se encontrar o belo açougueiro. Esse marido amável, que sempre fala tão bem da amiga, também deve ter seu desejozinho lá atrás, no fundo da cabeça, e o traseiro da moça, tão prontamente evocado a propósito da amável proposta do pintor que queria retratá-lo, desenhar seu rosto tão interessante, tão expressivo, certamente está aí para demonstrá-lo. Numa palavra, cada um tem seu pequeno desejo para além, apenas mais ou menos intensificado.

Só que, no caso específico da histérica, o desejo como para além de qualquer demanda, isto é, como devendo ocupar sua função a título de desejo recusado, desempenha um papel de primeiríssimo plano. Vocês jamais compreenderão nada numa histérica ou num histérico se não partirem desse primeiro elemento estrutural. Por outro lado, na relação do homem com o significante, a histérica é uma estrutura primordial. Por menos que vocês levem adiante com um sujeito a dialética da demanda, sempre encontrarão, num ponto da estrutura, a *Spaltung* da demanda e do desejo, com o risco de cometer grandes erros, ou seja, de tomar o paciente histérico, pois tudo o que analisamos nisso, é claro, é inconsciente para o sujeito. Em outras palavras, o histérico não sabe que não pode satisfazer-se na demanda, mas é absolutamente essencial que, de sua parte, vocês o saibam.

Essas notações irão permitir-nos, agora, começar a apontar o que significa o pequeno diagrama que lhes fiz da última vez, o cuja interpretação era um pouco prematuro trazer-lhes naquele momento.

Como dissemos, o que se manifesta como necessidade tem de passar pela demanda, isto é, endereçar-se ao Outro. Frente a isso, ocorre ou não ocorre um encontro que ocupa o lugar da mensagem, isto é, do que é expresso pelo Outro. Por fim, produz-se esse resquício da demanda que consiste na alteração do que se manifesta no estado ainda não informado pelo desejo do sujeito, e que se manifesta, em princípio, sob a forma da identificação do sujeito. Retomarei isso, da próxima vez, com o texto de Freud na mão, e vocês verão que, na primeira vez em que ele fala de maneira completamente articulada da identificação - desde já vocês poderão reportar-se a ele, se assim lhes aprouver -, a identificação primitiva não é articulada de outra maneira senão esta que lhes assinalo.

Vocês sabem, por outro lado, que, no caminho em que se introduz o curto-circuito narcísico, já existe uma possibilidade, uma abertura, um esboço de terceiro na relação do sujeito com o outro.

O essencial do que apresentei, ao lhes descrever a função do falo, foi que ele é o significante que marca o que o Outro deseja na medida em que ele mesmo, como Outro real, Outro humano, está, em sua economia, marcado pelo significante. É essa fórmula, precisamente, que estamos estudando. É precisamente na medida em que o Outro é marcado pelo significante que o sujeito pode - e só pode através disso, por intermédio desse Outro - reconhecer que também ele é marcado pelo significante, ou seja, que há sempre algo que resta para além do que pode satisfazer-se por intermédio do significante, isto é, pela demanda. Essa clivagem feita em torno da ação do significante, esse resíduo irreduzível ligado ao significante, também tem seu signo próprio, mas esse signo vem a se identificar com essa marca no significado. É aí que o sujeito tem de encontrar seu desejo.

Em outras palavras, é na medida em que o desejo do Outro é barrado que o sujeito vem a reconhecer seu desejo barrado, seu próprio desejo insatisfeito. É no nível desse desejo, barrado por intermédio do Outro, que se produz o encontro do sujeito com seu desejo mais autêntico, isto é, o desejo genital. É por essa razão que o desejo genital é marcado pela castração, ou, dito de outra maneira, por uma certa relação com o significante falo. Aí estão duas coisas equivalentes.

Encontramos, primeiro, aquilo que responde à demanda, ou seja, numa primeira etapa, a fala da mãe. Essa própria fala tem uma relação com uma lei que está além, e que lhes mostrei ser encarnada pelo pai. É isso que constitui a metáfora paterna. Mas, vocês têm o direito, com justa razão, de achar que nem tudo se reduz a esse escalonamento da fala, e creio que essa espécie de falta deve tê-los decepcionado, vocês também, no momento em que lhes expliquei isso.

Com efeito, para além da fala e da superfala, da lei do pai, como quer que a denominemos,, outra coisa bem diferente é exigível. É nessa condição que se introduz, e naturalmente no mesmo nível em que se situa a lei, esse significante eletivo, o falo. Em condições normais, ele se coloca num segundo grau do encontro corria o Outro. Foi isso que, em minhas pequenas fórmulas, eu lhes designei por S(A, o significante do A barrado). Trata-se, muito precisamente, do que acabo de definir como sendo a função do significante falo, ou seja, a de marcar o que o Outro deseja como marcado pelo significante, isto é, barrado.

Onde fica o sujeito? Quando já não se trata do sujeito ambíguo, ao mesmo tempo perpetuamente inclinado para a fala do Outro e aprisionado na relação especular, dual, com o pequeno outro (a), mas do sujeito constituído, acabado, da fórmula em Z, temos o sujeito como aquele em quem se introduziu a barra, ou seja, como aquele que também está marcado em algum lugar, ele próprio, pela relação com o significante. Por isso é que o encontramos aqui, em (NOD), lá onde se produz a relação do sujeito com a demanda como tal.

Como dar conta da etapa necessária pela qual normalmente se realiza a integração do complexo de Édipo e do complexo de castração, ou seja, a estruturação, por intermédio deles, do desejo do sujeito? Como se produz isso? Vocês o encontram desenvolvido neste diagrama. É por intermédio do significante falo que se introduz o para-além da relação com a fala do Outro. Mas, é claro, a partir do momento em que isso se constitui, uma vez que o significante falo está presente como desejo do Outro, ele não fica mais nesse lugar, mas se integra na fala do Outro e vem, com toda a seqüência que isso comporta, assumir seu lugar no para-aquém, no lugar primário da relação de fala com a mãe. É aí que ele desempenha seu papel e assume sua função.

Em outras palavras, esse para-além que postulamos, na medida em que procuramos delimitar as etapas necessárias à integração de uma fala que permita ao desejo encontrar seu lugar para o sujeito, permanece inconsciente para o sujeito. De agora em diante, é aqui que se desenrola para ele a dialética da demanda, sem que ele saiba que essa dialética só é possível na medida em que seu desejo, seu verdadeiro desejo, encontra lugar numa relação, que para ele permanece inconsciente, com o desejo do Outro. Em suma, normalmente, essas duas linhas são intercambiáveis.

Pelo simples fato de elas terem de se intercambiar, sucede no intervalo todo tipo de acidentes. Esses acidentes, nós os encontramos sob diversas formas. Quero apenas indicá-lhes, hoje, os elementos de carência que sempre encontramos no histórico.

Tomemos o caso Dora.

Nela, vemos o além do desejo do Outro produzir-se em estado puro, e podemos ver com clareza por que falta uma parte da bateria dos elementos. Não se fala da mãe, em absoluto. Talvez vocês tenham notado que ela está completamente ausente do caso. Dora vê-se confrontada com o pai. É do pai que quer amor.

Temos que dizer: antes da análise, a vida de Dora está muito bem equilibrada. Até o momento em que eclode o drama, ela encontrara uma solução muito feliz para seus problemas. É ao pai que endereça a demanda, e as coisas correm muito bem, porque o pai tem um desejo, e tudo corre ainda melhor na medida em que esse desejo é um desejo insatisfeito. Dora, como Freud não nos dissimula, sabe muito bem que seu pai é impotente e que seu desejo pela Sra. K. é um desejo barrado.

Mas, o que nós também sabemos - Freud só o soube meio tarde demais - é que a Sra. K. é o objeto do desejo de Dora, por ser o desejo do pai, o desejo barrado do pai.

Uma única coisa é necessária à manutenção desse equilíbrio: que Dora consiga realizar em algum lugar uma identificação de si que lhe dê uma base e lhe permita saber onde ela está, e isso em função de sua demanda não satisfeita, sua demanda de amor feita ao pai. Isso se sustenta dessa maneira enquanto existe um desejo, um desejo que não pode ser satisfeito, nem para Dora, nem para seu pai.

Tudo isso depende do lugar onde se produz a chamada identificação do Ideal do eu. Como vocês vêem no esquema, normalmente ela sempre se produz após a dupla transposição da linha do Outro, em 1(*). No caso de Dora dá-se o mesmo, exceto que o desejo do pai é representado pela segunda linha. É depois da dupla transposição das duas linhas que se realiza, aqui, em (\$Oa), a identificação da histérica. Não se trata mais de uma identificação com o pai, como acontece quando o pai é, pura e simplesmente, aquele a quem se dirige a demanda. Não se esqueçam de que agora existe um mais além, e isso deixa a histérica muito bem arranjada para sua satisfação e seu equilíbrio. A identificação é feita com um pequeno outro, que, por sua vez, está em condições de satisfazer o desejo. É o Sr. K., marido da Sra. K., dessa Sra. K. tão sedutora, tão encantadora, tão deslumbrante, verdadeiro objeto do desejo de Dora. A identificação é feita aqui porque Dora é histérica e, no caso da histérica, o processo não pode ir adiante.

Por quê? Porque o desejo é o elemento encarregado, sozinho, de tomar o lugar do para-além situado pela própria posição do sujeito em relação à demanda. Por se tratar de uma histérica, ela não sabe o que demanda, simplesmente necessita que haja em algum lugar esse desejo mais além. Mas, para que nesse desejo ela possa apoiar-se, consumir-se, encontrar

nele sua identificação, seu ideal, é preciso pelo menos que haja aí, no nível do para-além da demanda, um encontro que lhe permita repousar, referenciar-se nessa linha, e é aí que intervém o Sr. K., no qual, como se evidencia por toda a observação do caso, ela encontra seu pequeno outro no sentido do a minúsculo, aquele em quem ela se reconhece.

É por essa razão que Dora se interessa extremamente por ele, a ponto de a princípio enganar todo o mundo, ou seja, de Freud acreditar que ela ama o Sr. K. Dora não o ama, mas ele lhe é indispensável, e lhe é muito mais indispensável ainda por desejar a Sra. K. Como já lhes assinalai cem vezes, isso é arquidemonstrado pelo fato de que a circulação entra inteira em curto-circuito, e de que Dora cai, diante do a minúsculo, na situação de ímpeto agressivo que se manifesta numa formidável bofetada. Essa é a fúria contra o outro na medida em que ele é nosso semelhante e em que, sendo nosso semelhante, simplesmente nos arrebatava a existência. A réplica fatal que o Sr. K. lhe diz - ele não sabe nada do que está dizendo, o pobre coitado, não sabe que é o suporte da identificação de Dora -, ou seja, que sua mulher não é nada para ele, é justamente o que Dora não pode tolerar. E não pode tolerar por quê?

Tem-se razão em dizer, exceto pelo fato de isso ser incompleto, que Dora é visivelmente estruturada de maneira homossexual, tanto quanto urna histérica pode sê-lo. Depois do que lhe diz o Sr. K., ela deveria, em condições normais, ficar muito contente. De modo algum; é precisamente isso que desencadeia sua fúria, pois nesse momento desmorona sua bela construção histérica de identificação com a máscara, com as insígnias do Outro, especialmente com as rematadas insígnias masculinas que lhe são oferecidas pelo Sr. K., e não por seu pai. Ela volta então à demanda pura e simples, à reivindicação do amor do pai, e entra num estado quase paranóico ao se conceber pelo que ela de fato é para o pai, em termos muito mais objetivos, ou seja, um objeto de troca, alguém que diverte o Sr. K. enquanto ele, o pai, pode cuidar da Sra. K. Por mais ilusoriamente que seja, isso lhe basta, e vocês percebem bem, no caso, a própria função do desejo.

Depois do dito do Sr. K., nossa histérica desaba lá do alto e volta ao nível totalmente primitivo da demanda. Exige, pura e simplesmente, que o pai só cuide dela, que lhe dê amor, ou, em outras palavras, segundo nossa definição, tudo aquilo que ele não tem.

Esse foi, hoje, um primeiro pequeno exercício que fiz com a barra, para tratar de lhes mostrar qual é o sentido da relação do desejo com a demanda. À medida que vocês se habituarem com ela, isso nos permitirá avançar com muito mais segurança e ir muito mais longe.